

Resenhas

uma rara liberdade, sem partituras

GUSTAVO SIMÕES

Tony Hara. *velhas verdades: artes de viver*. Secretaria Municipal de Cultura, Londrina, primavera, 2021, 75 pp.

Há quase quarenta anos, entre 1983 e 1984, o filósofo Michel Foucault apresentava no Collège de France o curso *A coragem da verdade*. Nesta temporada, a última antes de sua morte, Foucault dedicou-se com vitalidade à filosofia praticada pelos cínicos gregos e às maneiras como as atitudes feitas as de Diógenes, Antístenes, entre outros, foram atualizadas em diversos movimentos ocorridos nos séculos seguintes. Não passou despercebida à sua atenção, por exemplo, a intensidade da correspondência entre a revolta na vida e na obra de certos artistas modernos e militantes anarquistas na segunda metade do século XIX e no início do XX.

No Brasil, em 1983, no mesmo ano em que Foucault ministrava aulas sobre a coragem da filosofia cínica, foi lançado um pequeno livro sobre a existência do poeta japonês Matsuo Bashô. Escrito por Paulo Leminski, em formato de bolso, com 104 páginas, *A lágrima do peixe* acompanha as errâncias do poeta zen, que no século XVII abandonou a sobrevivência em Edo (antiga Tóquio) para perambular livremente por todo o Japão, praticando sua

poesia aberta e nômade. Para além da poesia e da vida (também cheia de poesia) de Bashô, chama atenção como, em um dos breves capítulos do livro, Leminski associa de maneira singular a experiência zen ao cinismo grego. De acordo com o poeta, as duas filosofias, zen e cínica, apesar da distância geográfica e histórica, se articulam em volta de uma característica comum. Ambas se exercitam sem palavras, isto é, escrevem, ou melhor, inscrevem seus conceitos combativos menos com textos e mais com a ação, a atitude, os gestos.

Passados quase quarenta anos de *A coragem da verdade* e *Matsuo Bashô: a lágrima do peixe*, Tony Hara, leitor minucioso de Foucault e de Leminski, lançou suas *artes de viver: velhas verdades*. Editado, diagramado, costurado a mão pelo próprio autor, exemplar por exemplar, *velhas verdades* explicita um raro cuidado estético. É ético também, visto que, nos dezessete capítulos dispostos pelas 73 páginas, Hara mostra suas anotações afiadas, associando as vidas vividas artisticamente por certos gregos, romanos e orientais. “Na última década, convivi bastante na companhia de filósofos gregos e romanos da Antiguidade, nestes últimos anos, caminhei também ao lado dos sábios chineses e japoneses, igualmente antigos, que me aproximaram de meus antepassados orientais. Claro, não me tornei um especialista em filosofia antiga e muito menos na filosofia oriental. Mas aumentei consideravelmente a minha coletânea de histórias existenciais”.

A coletânea mobilizada por Hara, mesmo contando com pequenos episódios, cortes curtos de enfrentamentos ou de recusa da autoridade vividos por Pu-Tai, Lao Tsé, Epicuro, Heráclito, Pirro, Diógenes, Bashô, é, sobretudo, um texto que orienta outros caminhos de vida no presente.

uma rara liberdade, sem partituras

Diante da atual “competição por *views*, *likes* e seguidores nas redes sociais” (p. 67), da profusão de *influencers*, Hara evoca seja a *Lathe Biosas*, princípio ético do filósofo grego Epicuro — “para Epicuro, o sábio deveria se manter afastado da vida política, da praça, do mercado, do burburinho da multidão (...) um convite para se aproximar de si e dos amigos” — quanto a postura do sábio chinês Chuang Tzu.

Tzu, de modo similar aos cínicos gregos, vestia roupas remendadas. E como o anarquista russo Liv Tolstói, no final da vida, tecia sandálias para sobreviver. Segundo Hara, o pensador recusou convites para assumir postos de comando na China e para estabelecer formalmente uma escola filosófica. Personificou assim “a atitude de distanciamento da luta pelo poder, riqueza e fama” (p. 64). Quando convidado pelo rei para ocupar um cargo na administração indagou aos oficiais se era verdade que o palácio oficial guardava os ossos de uma tartaruga morta com três mil anos de idade. Questionou: “A tartaruga preferiria morrer para que seus ossos pudessem ser venerados ou viver arrastando a cauda na lama? Os embaixadores do rei concordaram que a tartaruga escolheria viver. Então podem ir!”, arrematou. “Agora estou arrastando minha cauda na lama” (p. 64).

Diante das considerações de Tzu, Hara sublinha: “É preciso vontade e paciência para se iniciar na arte de ser desnecessário, porque o mundo quer que sirvamos para alguma coisa: para o progresso do Estado e da família, para a produção e consumo de mercadorias, para resistir ou obedecer ao poder” (p. 65). Em trechos como esses relacionados a Epicuro e Chuang Tzu fica nítida, a cada vez mais difícil e, por isso mesmo mais urgente, *Lathe Biosas*, ou seja, se distanciar da sintaxe política, que exige a par-

ticipação infundável nas redes e portais de comunicação contemporâneas. Contudo, se algumas vezes o afastamento das necessidades implica um deslocamento, como no caso de Epicuro e Chuang Tzu, em outras ele pode indicar uma alegre ruptura no próprio coração da sociedade. E Hara, atento a este outro tipo de rompimento, valoriza como um exemplo as debochadas atitudes de Diógenes em relação a Platão.

Ainda pouco conhecido por estudantes de filosofia, a Diógenes são atribuídas inúmeras ações diretas bem-humoradas, algumas *nonsense*, como os *koan* desvelados no zen. Diógenes caminhava para trás pelas ruas, entrava nos teatros gregos somente quando as pessoas já estavam de saída, andava descalço nos dias mais frios do inverno, só aceitava discípulos dispostos a carregar peixes imensos pela cidade, sujava os pés na lama antes de ingressar em alguma propriedade opulenta. É notória a ocasião em que Alexandre, o imperador, procurou o filósofo pelos becos — Diógenes dormia na rua, em um barril ao relento. Distinto da retirada de Epicuro, ao avistar o homem mais poderoso da Grécia, o filósofo pediu para que se retirasse a própria autoridade, pois, ela, o imperador, estava tapando o sol que aquecia e iluminava o seu descanso vagabundo.

A estas tantas ações antiautoritárias e de abolição da moral efetuadas por Diógenes, Tony Hara incluiu mais algumas. Primeiro fez referência à ocasião em que Platão comenta sobre a essência das ideias. Ao receber termos como “tacidade” (essência da taça) e “mesidade” (essência da mesa) Diógenes o interrompe decisivamente. “Vejo a mesa, vejo a taça, mas a mesidade, a tacidade, de modo algum” (p. 35), argumentou contra o palavrório transcendental. O segundo episódio, selecionado em *velhas ver-*

uma rara liberdade, sem partituras

dades, ocorre quando o cínico ouve de Platão a definição de que um homem é “um animal bípede e implume”. Em resposta, Diógenes depena um galo e solta o bicho no meio dos discípulos do autor de *A República*. “Diógenes não faz um discurso contra o idealismo de Platão. Ele vive contra o idealismo. Ele não alimenta a interminável verbalização, o jogo das teses e das antíteses, dos argumentos e contra-argumentos, que dá vida e movimento ao mundo idealizado. Diógenes responde o discurso do filósofo idealista com a atitude do palhaço insolente”, indica Hara.

Velhas verdades, por fim, traz um dos pensamentos mais instigantes para pesquisadores e artistas interessados em traçar caminhos singulares a partir das atitudes e gestos radicais. Precisamente em “a estátua e o espelho”, dedicado às andanças de Matsuo Bashô, a coletânea exibe com fineza algumas diferenças entre as artes de viver greco-romanas e as orientais. O ensaio mostra, a partir do aforisma de Nietzsche “Sê o mestre e o escultor de si mesmo”, como a imagem do desbaste, característica da escultura, era a meta do homem grego culto. “Esculpir a si mesmo como obra de arte, seria moldar-se através do desbaste, a fim de dar forma e movimento àquilo que chamamos de beleza interior ou beleza moral. Nas reflexões *Sobre o belo*, Plotino (205-270) já ensinava: ‘Volta-te a ti mesmo e faz como o escultor de uma estátua; tira o supérfluo, endireita o que é oblíquo’” (p. 51-52).

Todavia, segundo Hara, nessa relação arte e vida, o caminho de Bashô é outro.

O *haijin*, como sublinhou o autor de *velhas verdades*, não visava uma meta a alcançar na produção de uma arte de viver. Desde que abandonou o emprego regular em

Edo, vários dos seus haikais, primeiro em sua choupana, e depois viajando incessantemente, afirmam a experiência de uma vida artística no instante. “debaixo de uma árvore em flor/ me senti dentro de uma peça nô” e “o cavalo pula/ o coração me vê/ dentro de uma pintura”, irrompem na coletânea de Hara como exemplos de tais experiências ético-estéticas no agora. Bashô, segundo Hara, incorporou alguns ensinamentos de Chuang Tzu para uma mente liberada de juízos, prisões, como um espelho que somente reflete o que é. Como situou Octavio Paz, no autor de *Sendas de Oku*, “a poesia já não se distingue da vida” (p. 56). “A arte e a vida não se distinguem. É uma coisa só. Não é a vida como obra de arte. A vida é arte” (p. 56), encerrou Hara.

Há muito mais o que destacar acerca das *velhas verdades*. Mas o livro anima mais, instiga a menos palavras e a ações urgentes. Contudo, é importante salientar aqui que, se em relação à assimilação de certa filosofia grega, pouco a pouco, despontam novos estudos, ainda são raras as investigações das assimilações ácratas das antigas práticas zen. Pouco sabemos, por exemplo, das leituras que Liv Tolstói fez de Lao Tsé. Assim como há quase nada acerca da incorporação do zen por poetas libertários como Gary Snyder e Diane Di Prima, nas décadas de 1950 e 60. Ou ainda da utilização do I-Ching, na mesma época, por Julian Beck e Judith Malina no *The Living Theatre*.

Foi John Cage, no início da década de 1950, quem multiplicou o uso do oráculo chinês entre alguns inventores radicais no chamado ocidente. Cage que, afinou uma estreita amizade com D.T. Suzuki, um dos intelectuais responsáveis por disseminar o zen para além do oriente. Cage que, apesar de não apreciar alguns exercícios

uma rara liberdade, sem partituras

como a meditação, entre as muitas idas ao Japão, compôs obras sonoras como “Seven Haiku”, “Mushroom Haiku” e “Ryoanji”.

A partir de uma entrevista de Satchmo, apelido do músico e compositor Louis Armstrong, Leminski em seu escrito sobre Matsuo Bashô e o zen associou-o ao jazz. Armstrong teria dito que alguém que peça para explicar o jazz nunca vai entender o ritmo. Tal máxima definiria também o zen, segundo o poeta de *distraídos venceremos*. De fato, os exercícios de liberdade no jazz podem soar surpreendentes e apontar caminhos inéditos. Todavia, Cage foi ainda mais adiante dos extraordinários improvisos. Com seu “4’33”, em 1952, o artista apresentou aos espectadores, ansiosos por um concerto de música, a audição por quatro minutos e trinta e três segundos dos barulhos da própria sala como cadeiras rangendo, tosses, a chuva no telhado. Enquanto isso, o pianista lia uma partitura sem notas. A leitura do músico escancara o óbvio. A ação não acontece no palco, mas assim como entre cínicos e zen, longe dele, distante do texto, das partituras.

O efeito deste livro também é este: iluminar a atenção para onde pouco se repara, ouvir os ecos, uma rara liberdade.